



A Santa Sé

BENTO XVI

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 1 de Junho de 2005

Carta aos Filipenses (cf. 2, 6-11): Cristo servo de Deus

1. Em cada celebração dominical das *Vésperas* a liturgia repropõe-nos o breve mas denso hino cristológico da *Carta aos Filipenses* (cf. 2, 6-11). Trata-se do hino que agora ressoou, o qual consideramos na sua primeira parte (cf. vv. 6-8), onde se delineia o paradoxal "despojamento" do Verbo divino, que depõe a sua glória e assume a condição humana.

Cristo encarnado e humilhado na morte mais infame, a na crucifixão, é colocado como modelo vital para o cristão. De facto, ele como se afirma no contexto deve ter "os mesmos sentimentos, que estão em Cristo Jesus" (v. 5), sentimentos de humildade e de doação, de desapego e de generosidade.

2. Certamente, ele possui a natureza divina com todas as suas prerrogativas. Mas esta realidade transcendente não é interpretada nem vivida com o objectivo do poder, da grandeza, do domínio.

Cristo não usa o seu ser igual a Deus, a sua dignidade gloriosa e o seu poder como instrumento de triunfo, sinal de distância, expressão de esmagadora supremacia (cf. v. 6). Aliás, ele "despojou-se", esvaziou-se a si mesmo, imergindo-se sem reservas na miserável e frágil condição humana. A "forma" (*morphe*) divina esconde-se em Cristo sob a "forma" (*morphe*) humana, isto é, sob a nossa realidade marcada pelo sofrimento, pela pobreza, pelo limite e pela morte (cf. v. 7).

Não se trata portanto de um simples revestimento, de uma aparência mutável, como se pensava que acontecia às divindades da cultura greco-romana: a de Cristo é a realidade divina numa experiência autenticamente humana. Deus não se apresenta apenas como homem, mas faz-se

verdadeiramente homem, torna-se em concreto "Deus-connosco", que não se contenta com olhar para nós do trono da sua glória com um olhar benigno, mas imerge-se pessoalmente na história humana, tornando-se "carne", ou seja, realidade frágil, condicionada pelo tempo e pelo espaço (cf. *Jo* 1, 14).

3. Esta partilha radical da condição humana, excluindo o pecado (cf. *Hb* 4, 15), conduz Jesus até àquela fronteira que é o sinal da nossa finitude e caducidade, a morte. Mas ela não é fruto de um mecanismo obscuro ou de uma fatalidade cega: ela nasce da sua livre opção de obediência ao desígnio de salvação do Pai (cf. *Fl* 2, 8).

O Apóstolo acrescenta que a morte que Jesus enfrenta é a morte de cruz, a mais degradante, querendo desta forma ser verdadeiramente irmão de cada homem e de cada mulher, também dos que são obrigados a um fim atroz e ignominioso.

Mas precisamente na sua paixão e morte Cristo testemunha a sua adesão livre e consciente aos desígnios do Pai, como se lê na *Carta aos Hebreus*: "Apesar de ser Filho de Deus, aprendeu a obediência por aquilo que sofreu" (*Hb* 5, 8).

Detenhamo-nos aqui na nossa reflexão sobre a primeira parte do hino cristológico, concentrado sobre a encarnação e sobre a paixão redentora. Teremos ocasião a seguir de aprofundar o itinerário sucessivo, o pascal, que conduz da cruz à glória. Parece-me que o elemento fundamental desta primeira parte do hino é o convite a entrar nos sentimentos de Jesus. Entrar nos sentimentos de Jesus significa não considerar o poder, a riqueza, o prestígio como os valores supremos da nossa vida, porque não correspondem à sede mais profunda do nosso espírito, mas abrir o nosso coração ao Outro, carregar com o Outro o peso da nossa vida e abrir-nos ao Pai dos Céus com sentido de obediência e confiança, sabendo que só na obediência ao Pai seremos livres. Entrar nos sentimentos de Jesus: este seria o exercício quotidiano para viver como cristãos.

4. Concluimos a nossa reflexão com uma grande testemunha da tradição oriental, Teodoreto, que foi Bispo de Ciro, na Síria, no século V: "A encarnação do nosso Salvador representa o mais alto cumprimento da solicitude divina pelos homens. De facto, nem o céu nem a terra, nem o mar nem o ar, nem o sol nem a lua, nem os astros nem todo o universo visível e invisível, criado unicamente pela palavra, ou melhor, trazido à luz pela sua palavra de acordo com a sua vontade, indicam a sua bondade infinita como o facto de que o Filho unigénito de Deus, aquele que subsistia na natureza de Deus (cf. *Fl* 2, 6), reflexo da sua glória, marca da sua substância (cf. *Hb* 1, 3), que era no princípio, era junto de Deus e era Deus, através do qual todas as coisas foram criadas (cf. *Jo* 1, 1-3), depois de ter assumido a condição de servo, apareceu em forma de homem, e devido à sua figura humana foi considerado como homem, foi visto na terra, relacionou-se com os homens, carregou as nossas enfermidades e assumiu sobre si as nossas doenças" (*Discursos sobre a Providência Divina*, 10: *Colecção de textos patrísticos*, LXXV, Roma

1988, pp. 250-251).

Teodoreto de Ciro continua a sua reflexão, realçando precisamente o vínculo estreito evidenciado pelo hino da *Carta aos Filipenses* entre a encarnação de Jesus e a redenção dos homens. "O Criador trabalhou com sabedoria e justiça pela nossa salvação. Pois não quis servir-se apenas do seu poder para nos conceder o dom da liberdade nem armar apenas a misericórdia contra quem subjugou o género humano, para que ele não acusasse a misericórdia de injustiça, mas encontrou um caminho cheio de amor pelos homens e ao mesmo tempo adornado de justiça. De facto ele, depois de ter unido em si a natureza do homem já vencida, orienta-a para a luta e predispõe-na para reparar a derrota, para dispersar aquele que outrora tinha iniquamente conquistado a vitória, para se libertar da tirania de quem a tinha cruelmente feito escravo e para recuperar a liberdade primitiva" (*Ibidem*, pp. 251-252).

Saudações

A minha saudação a todos os peregrinos de *língua portuguesa*, com uma bênção particular para os sacerdotes do Colégio Pio Brasileiro em Roma: na vossa formação, cultivai aquele "*sentire cum Ecclesia*" que fará de vós humildes e fiéis servidores da Verdade, pastores segundo o Coração de Deus.

Saúdo de coração os peregrinos da Alemanha, da Áustria e da Suíça, assim como todos os visitantes de *língua alemã*. Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, é nosso Senhor e Irmão. O seu sacrifício na Cruz redimiu-nos. A verdadeira grandeza demonstra-se na disponibilidade para o serviço. Rezemos todos os dias a Jesus para que nos conceda este espírito!

Desejo a todos vós um tempo de repouso e de renovação espiritual. Deus vos abençoe!

Saúdo cordialmente os *peregrinos francófonos*, em particular os jovens do colégio de Saint-Exupéry, de Epinal. Que a vossa peregrinação a Roma vos enraíze cada vez mais na intimidade com Cristo, morto e ressuscitado para que tenhais a vida em abundância!

Dou especiais boas-vindas aos peregrinos de *língua inglesa* presentes hoje aqui, assim como aos grupos provenientes da Inglaterra, Irlanda, Suécia, Japão e dos Estados Unidos da América. Obrigado pelo afecto que me manifestais. Sobre vós, invoco a paz e a alegria de nosso Senhor Jesus Cristo!

Saúdo cordialmente todos os *Polacos* aqui presentes. Iniciamos o mês dedicado à oração do Sagrado Coração de Jesus. Esta oração faça crescer a fé, a esperança e a caridade nas vossas famílias. O Sagrado Coração de Jesus vos abençoe.

Queridos Irmãos e Irmãs!

Vejo como a fé e o amor pelo Sucessor de Pedro na Itália são fortes! Obrigado pela vossa presença, pelo vosso afecto e pela vossa fé!

Dirijo um pensamento cordial aos peregrinos de *língua italiana*. Em particular saúdo os fiéis da Arquidiocese de Cagliari, acompanhados pelo seu Pastor, D. Giuseppe Mani, assim como os representantes da Associação de Escutismo Católico Italiano. Queridos amigos, ao agradecer-vos esta vossa visita, desejo a todos que vos comprometais generosamente no testemunho de Cristo e do seu Evangelho.

Saúdo por fim os *jovens*, os *doentes* e os *novos casais*. Iniciamos precisamente hoje o mês de Junho, dedicado ao Sagrado Coração de Jesus. Detenhamo-nos com frequência a contemplar este mistério profundo do Amor divino.

Vós, queridos *jovens*, aprendei na escola do Coração de Cristo a assumir com seriedade as responsabilidades que vos esperam. Vós, amados *doentes*, encontrais nesta fonte infinita de misericórdia a coragem e a paciência para cumprir a vontade de Deus em todas as situações. E vós, queridos *novos casais*, permanecéis fiéis ao amor de Deus e testemunhai-o com o vosso amor conjugal.

Copyright © Libreria Editrice Vaticana

©Copyright - Libreria Editrice Vaticana